

I.^o — PESQUISAS SÔBRE INSTINTOS ANIMAIS E
INSTINTOS HUMANOS

MARTIM GOMES (*)

Essa explicação na epígrafe é necessária, porque desde logo chama a atenção sôbre um aspecto das pesquisas, aspecto que consiste no fato que os trabalhos não recaem, como deveriam recair, sôbre instintos no estado puro, sem mentalidade franca, o que exigiria estudos nos animais. Trata-se de um tema que surgiu com os trabalhos de Helen Deutsch e de Melanie Klein: êstes em 1935, aquêles em 1933, com um ponto de vista semelhante às investigações de B. Lewin, em 1932.

Outra razão é a confirmação por meio do estudo dos instintos animais; êsse método foi empregado na vigência do INSTITUTO DE PSICO-DIAGNOSE E PSICO-TESTE, quando esteve nas salas Annes Dias, dependências do 7.^o andar do Pavilhão Cristo Redentor, sede da cadeira de Ginecologia da U.R.G.S. Muitos pesquisadores atuais usam a expressão SOMBRA DE CONHECIMENTO, para designar o que se encontra, quando pesquisamos o conhecimento nos animais. Há uma grande distância entre as duas coisas. Isso não acontece, quando, em vez de conhecimento, o que se pesquisa é o instinto.

Ora, o debate entre Klein e a psico-análise ortodoxa, que é um inquérito sôbre princípios fundamentais, tem esquecido, surpreendentemente, de completar os seus argumentos com o estudo do instinto nos animais. Nisso vai consistir êste breve relatório.

E' evidente, nêsse debate, o propósito de achar, para exaltações e depressões, ao menos uma teoria das forças ocultas, na base da euforia exaltada, e na base da tristeza prostrada; descobrir a relação dessas emoções com a fisiologia, isto é, com a situação vegetativo-somática dos

pacientes. Uma vez conseguido levantar essa base de operações, estaria começada a luta concreta, e já se saberia para que servem, na mente anormal, tais emoções, cujo exagêro e cuja desintegração produziu a moléstia. Sabida a função dos elementos originais, sabido ficaria o começo da terapêutica. As idéias e interpretações de Klein deslocam o complexo de Oedipo e o superego, dando a êles um nascimento mais distante; mas o superego da criança, em vez de vir dos pais, nasce de fonte imaginária, ao passo que sua ansiedade fóbica vem dêsse mesmo superego irreal, e dos objetos que a impressionam. Muito diversa é a interpretação dos estados emocionais elaborada pela análise ortodoxa. Aparece o fenômeno da repetição de elementos anteriores, dentro do complexo emocional; a angústia adquire assim a significação de advertência e até de início dos mecanismos defensivos; o conteúdo primitivo da angústia fica mais próximo do corpo que da mente, é alteração fisiológica, sincrética, pre-ideacional, mais sensações que imagens, deslizando nos centros senso-motores, como instáveis chamas sôbre as brasas, à procura de representações e idéias, a que aderir, sem saber o que têm de agradecer à herança.

E nesta altura de esboço, podemos mostrar o papel dos instintos e de certas partículas das sensações e imagens, a que de velha data foi dado o nome de *mímic*as, a que se pode chamar *detalhes afetivos*, e que, colocados no lugar das realidades passadas, tomam o nome de *símbolos*.

Tôda a atividade da criança, no momento de nascer, e durante os primeiros meses, é regulada pelos centros sensório-motores; é um desenvolvimento de re-

(*) F. de M., U.R.G.S. e do I. de P. A.

flexos herdados. Suas sensações associam-se aos movimentos, às outras sensações especiais, à cenestesia, às qualidades agradáveis ou desagradáveis de todos esses elementos, configuram-se combinando-se, e encaminham o surto, quase misterioso, da imagem mental, e das lembranças, e condicionando, com o tempo, a descoberta do *divortium aquarum* entre o mundo interno e o mundo externo.

Entretanto, desses dois mundos, — dessas duas bacias de águas pluviais, — o primeiro que irá surgir na percepção consciente, (nos primeiros lampejos da consciência), será o mundo externo, “mundo branco”, mas como leite, seio materno, e carinho das tonalidades duma voz, que mal se distinguiria, mais tarde, dum calmo luar, com doçuras de proteção e de amor. Ora, no tom da voz e dos ruídos, no ritmo dos movimentos e contatos, e na qualidade de tôdas as sensações, brota, de inepino, a surpresa dos símbolos, destinados a defender a vida.

E, entre as manifestações motoras da criança, aparecem sinais de temor, muito antes de aparecerem indícios de direto conhecimento do que possa ser a morte. A criança herdou as condições da percepção do perigo; não herdou o temor da morte como tal. E quando mais tarde ‘as ‘experiências que permitirem saber o em que consiste a morte, as imagens e sensações, que integrarão esse conhecimento, contarão, entre elas, as imagens do mamar, do engulir, e da quietude do sono.

Que as primeiras impressões podem ter essa persistência, e podem configurar a tonalidade vital, podemos explicar pela descoberta de processo a que Konrad Lorenz chamou

Imprinting Process:

essas experimentações de laboratório, (B. H. Hess, *Sicentific American*, de 1958, *A-pud Rassengna Medica*, 1958, n.º 5) consistiam em fazer girar um modelo de madeira representando um pato selvagem, como usam os caçadores, num espaço circular de vidro, ao redor do qual outro espaço havia, uma pista de vidro também, para um filhote de pato poder seguir o pato representado no modelo. Pôs-

to em movimento, o modelo produzia um continuado som de GOK, GOK, GOK... Em vista das condições em que se fez o experimento, e dos cuidadosos testes sucessivos, ficou demonstrado que o filhote, tendo visto, antes que qualquer outra forma em movimento, ao modelo, teve o seu comportamento ulterior influenciado por esse fato. A força dessa influência, gravação, ou *imprinting*, isto é, — o teste de controle do resultado conseguido, era tanto maior, quanto maior era o esforço feito pelo animalzinho. Na mesma razão variava o tempo da experiência. Empregando doses convenientes de meprobamato, verificou-se que a resposta-temor resulta diminuída. As experiências devem levar em conta que a capacidade de produzir-se o *imprinting* cai rapidamente depois das 16 horas de vida, pois que o animal começa a mostrar temor ao ver objetos em movimento. No homem os períodos do temor, ou as condições do *imprinting* têm de ser muito diferentes. Os pontos de contato dos resultados, e as comparações são despendentes dos seis meses críticos da vida infantil. Mas, quando isto se realizar, teremos uma base para dilatar as informações sobre a situação cronológica do temor, e da ansiedade na vida do homem.

Entretanto, para o patinho, o medo não foi primitivo, veio depois de passadas certas condições; o início era propício a reações naturais, espontâneas, dos centros sensorio-motores. Surgiu por uma alteração nas primeiras impressões do sensorio, e antes significam capacidade defensiva de acordo com o meio e a herança. O animalzinho, nas primeiras horas, segue a primeira coisa que vê, seja a forma do pai, seja a forma de um homem: mas o medo vem por ocasião de impressões posteriores, e de outros aspectos. Para o patinho, tanto faz que seja o pai, (o pato), como a mãe, o objeto a que vai ‘ficar ligado, e seguir. Mas para a criança o primeiro objeto de ligação é forçosamente a mãe ou um substituto dela. A diferença é grande, por causa das consequência para a ansiedade. Tanto o menino como a menina começam pela dependência amorosa em relação à mãe. E nesta altura surge o problema da bi-sexualidade infantil, que me parece mais psicológica do que fisiológica.

TENDÊNCIAS HUMANAS PARA A PERFEIÇÃO

A tendência para a perfeição dificilmente pode ser bem caracterizada. Mas não é só essa a dificuldade; outra existe, ainda mais desconcertante, e essa consiste no fato que a vida dos animais nos mostra certas **sombras** de conhecimento, e certos processos de adaptação à vida, que mostram um progresso complicado, no desenvolvimento da adaptação, aperfeiçoando processos que fazem brotar hábitos adquiridos, no seio das suas atividades instintivas. E cada espécie animal, nos estágios superiores, pode mostrar uma certa autonomia, no esquema das suas realizações instintivas. Deixando de lado o que parece paradoxal, cabe-nos encarar essas duas tendências para aperfeiçoar-se, uma na vida animal, outra na vida humana.

Para melhor polarizar a direção dessa pesquisa, poderíamos citar três ideais, de três investigadores, que formularam esse problema, e lhe esboçaram a solução, trilhando caminhos diferentes: são eles Nietzsche, Ferenczi e Freud.

Nietzsche: "A essência de toda arte bela, de toda arte elevada, é a gratidão".

Ferenczi: "Levando este raciocínio até às suas últimas consequências lógicas, chegamos a nos familiarizar com a idéia que a vida orgânica é regulada, também ela, por uma tendência à inércia ou à regressão, enquanto a tendência à evolução progressiva, adaptação, etc., não se manifestaria senão pelo golpe das excitações exteriores".

S. Freud: (Essais de Psychanalyse — p. 54, Payot).

"Muitos dentre nós dificilmente se resignariam a renunciar à crença que existe, inerente ao próprio homem, uma tendência à perfeição, à qual seria ele devedor do nível atual das suas faculdades intelectuais e da sua sublimação moral, e da qual deveríamos esperar a transformação progressiva do homem atual em um super-homem. Eu devo confessar que não creio na existência de semelhante tendência interna e que não vejo ne-

nhuma razão para poupar esta ilusão benfazeja. Na minha opinião, a evolução do homem, tal como ela se efetuou até agora, não requer outra explicação que a dos animais, e se existe uma minoria de seres humanos aos quais uma tendência parece impelir para níveis de perfeição cada vez mais elevada, esse fato se explica naturalmente de todo, como uma consequência dessa repressão de instintos, sobre a qual repousa o que há de mais precioso na cultura humana. O instinto reprimido não cessa nunca de tender para a sua completa satisfação, a qual consistiria na repetição duma satisfação primária; todas as formações substitutivas e racionais, todas as sublimações são impotentes para acabar com a tensão permanente e a diferença entre a satisfação obtida e a satisfação procurada constitui essa força motora, esse ferrotear que impede o organismo de se contentar com uma dada situação, qualquer que ela seja, mas, para empregar a expressão do poeta, "o impele sem tréguas para diante, sempre para diante." (Fausto, I). O caminhar para trás, para a satisfação completa, é geralmente barrado pelas resistências mantidas pela repressão, de tal forma que não resta ao organismo, (quero grifar este **organismo**), (1.º) senão avançar para a outra direção, ainda livre, não esperando, porém, chegar ao fim do processo, e poder atingir o fim. Os processos a favor dos quais se forma uma fobia neurótica que, no fundo, nada mais é do que uma tentativa de fugir à satisfação da inclinação, mostra-nos nitidamente como nasce essa pretensa "tendência à perfeição" que nós não podemos entretanto atribuir a todos os indivíduos humanos. As condições dinâmicas dessa tendência parecem existir algo generalizadas, mas as condições econômicas são raramente de natureza tal que favoreça esse fenômeno. Mencionemos entretanto, como uma simples possibilidade, que os esforços de EROS tendendo a reunir as unidades orgânicas, com elas fazendo conjuntos cada vez mais vastos, podem ser considerados como um meio de compensar a ausência à perfeição". Juntando-se aos efeitos da repressão, esses esforços seriam talvez de natureza a nos fornecer uma

(1.º) Quem grifa, e sublinha é o autor deste artigo

explicação dos fenômenos que em geral gostam de atribuir à tendência em questão”.

Eis as possibilidades de explicação sugeridas por Freud, para a tendência interna à perfeição, em que ele não acredita. Um pouco antes abordou ele a questão correlata do desenvolvimento progressivo, nos animais e nos vegetais nestes termos: “E’ certamente impossível atribuir aos reinos animal e vegetal uma tendência geral ao desenvolvimento progressivo, apesar de que de fato este desenvolvimento existe de maneira incontestável.” Fica claro que **existe**, mas não de forma geral. Com isso, quer Freud caracterizar o fato “que a ciência da vida nos ensina que o progresso realizado numa relação é espiado ou neutralizado por uma regressão sob outras relações.” Isso tudo é a parte mais difícil do seu ensaio sobre os instintos, sob a epígrafe — **para além do princípio do prazer**. Mas, apesar de formular o problema da oposição entre instinto sexual e instinto do Ego, não chega Freud a estudar o instinto nos animais, que, empregando na sua vida instintiva os símbolos, e detalhes afetivos defensivos, muito mais integradores e eficientes que os do homem, são, de certo modo, substitutivos da inteligência humana. Tal é o que passamos a examinar.

Nesse exame, convém antes de tudo notar a utilidade de fazer surgir, dentro do binômio **animais-homem** um terceiro objeto de estudo: a **criança**. Ela tem muitas aparências da vida animal, que aos poucos se transformam em aspectos da vida humana integrada.. Ela vê cousas. Mas, não vendo **ultra-cousas**, não tem representação do destino, das origens, da vida, da morte... que são **ultra-cousas**.

Mas não é tudo. Nesse exame, (que estuda os métodos para investigar a **personalidade**, procurando uma saída entre **exaltações e depressões**), força é, dada a natureza dos problemas, reconhecer, como Henry Wallon, (403), que o labor não consiste em saber se a **criança**, ou o **animal** pode ou não resolver os problemas, mas em observar a sua maneira de reagir. E’ a condição metódica primacial. Antes do resultado das ações em face do problema, já na maneira como se exerce a ação, podem aparecer os indícios

para a solução da **tendência à perfeição**, e também da **tendência ao desenvolvimento progressivo**, que é correlata. E essas maneiras de reagir, e possibilidades de resultados, podem, como veremos, aparecer condicionadas a um **equilíbrio entre antagonismos**, evitando a desintegração de atividades dos extremos, isto é, ficando o trabalho útil e integrador, ou construtivo, situado unicamente entre as exaltações e as depressões, o que, tudo, corresponde a uma forma ou maneira de reagir, em face do problema. Quando a depressão perde a sua intensidade mórbida, aparece a serenidade; quando a exaltação maníaca é corrigida, resulta a atividade alegre, otimista, como simples relação benfazeja. Então, a vida e a investigação se tornam construtivas. E só então será justo e lógico formular o problema do desenvolvimento progressivo, e o da tendência à perfeição.

ALGUMAS NOTAS ILUSTRATIVAS

Em primeiro lugar, citarei um trecho de uma conferência realizada na abertura dos cursos, este ano, nas faculdades de **MEDICINA E DE FARMÁCIA**, de Santa Maria: (Correio do Povo, 27-3-60)

“Senhores. Não vim aqui fazer discursos. E a verdade, que apresento à vossa consideração, não precisa de palavras eloquentes. Ela ressalta do exame tranquilo dos fatos: até na vida vulgar, que examina, com amor, as suas dificuldades...”

Convido-vos, em vista disso, a examinar alguns episódios da vida ordinária, nos seus primórdios, em que aparece de inopino, como um milagre, uma atração para os ideais que procuram defender a existência. Porque são esses ideais que orientam as tendências que afloram na supergície da atividade humana.

Antes de citar a observação de um tropeiro inculto mas inteligente, daqui dêste nosso meio gaúcho, peço-vos que vos lembreis das leituras de dois grandes brasileiros: do estilo de **Euclides da Cunha**, encrespado de paradoxos e do estilo lapidar e fluente de **Rui Barbosa**.

Imaginal que ambos hajam pintado o estouro da boiada, e em cada pincelada compondo um reflexo da sua personali-

dade, e dos pendores do seu gôsto. Sempre aparece, no cotêjo de tais trechos literários, uma causa, para dar sentido à explosão dos animais assustados: um galho quebrado, um cão que arremete, uma ave que bate as asas, um guaraxaim ou uma avestruz que disparam; são a causa que basta para descrever e narrar o que se passou, sem aspirar a saber como um susto frequente só raramente pode ser uma catástrofe na disparada da tropa... Pois bem: se em vez de escritores, e de artistas, for um tropeiro responsável pelo prejuízo que pode dar uma tropa que dispara, e cuja vida se passou entre êsses cuidados, em que êle deseja conservar o prestígio da habilidade e a fama de campeiro, então êle já não se contentará com indigitar a causa. Êle vai observando o mal para ver como é que êle às vêzes deixa de explodir, exatamente como o médico diante do sofrimento rebelde: esforça-se em descobrir as circunstâncias, a maneira como variam as consequências da causa. Eu, pessoalmente acompanhei êsse labor dignificante, no espírito de um gaúcho, que me disse numa noite, apenas começavam a deitar-se os animais: "Vou colocar melhor os meus homens; esta tropa vai disparar esta noite, e, para êste lado de baixo, há umas grotas que um Deus-nos-acuda!"

Pouco nos interessa saber que a boiada disparou mesmo... o que importa é saber o que me respondeu o tropeiro vaqueano quando lhe perguntei em que se baseava para afirmar que a tropa ia disparar... "Pois os animais não respiram, êles não se espreguiçam. Tá tudo tinindo. Isso é que os bichos por dá cá aquela palha estouram".

Agora vamos ler e traduzir a resposta do tropeiro, e o resultado do seu saber prático, e veremos como era um saber muito mais importante, para a existência humana, do que a sensibilidade estética dos escritores que narraram estouros de boiadas... porque consistiu em observar a verdade, para a vida, êle viu que o gado precisa um certo modo de atividade, no cuidado para não ser assustado; e viu mais, — viu que o gado precisava sentir segurança... como se entrasse para dentro duma mangueira de pedra.

Nesta altura peço a todos os senhores o máximo de atenção para um ponto

nevrálgico: e é o seguinte: — se os senhores resumirem a maioria dos mais conceituados mestres da sociologia, da criminologia, da psicologia social, ou apenas a aplicação das ciências sociais, verão que, em duas palavras, o desenvolvimento de uma sociedade bem equilibrada depende — de uma atividade **controlada**; e de um sentimento de **segurança** para estados e indivíduos.

O que, tudo, não anda muito longe do modo de segurança, e do jeito da atividade que o meu tropeiro tinha descoberto, para evitar o estouro da sua boiada... *mutatis mutandis*.

E depois dessa comparação, que pode esboçar uns ares de malícia à primeira vista, — vou prevenir essa desconfiança que está revoando nos vossos espíritos, fazendo uma experiência de psicologia infantil. Está nesta revista francesa, e seu objeto era mostrar a diferença entre uma resposta por um desenho, e a resposta por uma frase, para explicar a expressão de idéias abstratas. (*Annales Médico-Psychologiques*, de julho de 1959). Traçaria na pedra o gráfico, e escreveria a frase, que foram dadas por um rapaz de 17 anos, para exprimir a idéia de liberdade. Olhemos para as duas. A conclusão do autor dêsses trabalho é que o conhecimento verbal e compreensivo não é suficiente senão acima dos doze anos. A nós, porém, o que nos interessa nesta observação, é que antes do saber, já o instinto defende a vida. E, em particular, — a idéia de liberdade nessa experiência, tanto no gráfico como nas palavras foi exprimida com as associações vividas na atividade emocional da criança... A desolação do gráfico é impressionante. A história da libertação vivida aparece nas palavras "LIBERTE". — A' QUI TOUT EST PERMIS". O rapaz usou uma linguagem muito sintética. O sentido precisa ser ampliado para: Liberdade, a qualidade ou condição daquêle a quem nada é reprimido, isto é, nada é proibido, e tudo é permitido".

Desejaria que ficasse na vossa memória êste fato: — que o desenho é mais instintivo; e que a aplicação verbal é mais raciocinada. Por um lado e, por outro lado, — que ambas se completam... Porque desejo que guardem êsse fato? Porque êle está na base das descobertas de FREUD, quando mostrou que a vida

mental compõe-se de instintos e de atividade mental, e também porque dois séculos antes outro gênio já tinha feito mais ou menos essa descoberta que os senhores podem admirar nas *PAGES IMMORTELLES DE PASCAL*... coligidas do *François Mauriac*.

Entre instintos e razão se travam os conflitos, que, se forem ordenados e vencidos, permitem a vida normal; porém quando indomáveis, produzem a nervose, os crimes, ou a loucura. Essa realidade palpitante dos conflitos, reprimidos para evitar uma angústia intolerável, está na base da psico-análise e é apontada como atividade psíquica inconsciente, descoberta por Freud, em 1895. Entretanto, *Blaise Pascal*, em 1662, quase dois séculos e meio antes, com o maior sentimento da pessoa humana que já apareceu na história da civilização e da cultura, — delineou em rigorosa observação, essa mesma verdade, com outras palavras, que começam pintando a ansiedade que conduz à repressão: "Cet embarras ou il se trouve produit en lui la plus injuste et la plus criminelle passion qu'il sit possible de s'imaginer; car il conçoit une haine mortelle contre cete vérité qui le reprend et qui le convainc de ses défauts. Il désirerait de l'anéantir, et ne pouvant la détruire en elle-même, il la détruit, autant qu'il peut, dans sa conscience et dans celle des autres; c'est-à-dire qu'il met tout son soin à convrir ses défauts et aux autres et à si-même, et qu'il ne peut souffrir qu'on les lui fasse voir ni qu'on les voie". Aqui, agora, entre parênteses, — uma pergunta impertinente: se, faz tanto tempo, dois gênios dessa estirpe trabalharam dêsse modo para a educação da personalidade, — que muito será que nós também troquemos idéias, neste momento e manifestemos propósitos de elevação, em redor do tema central do desenvolvimento do homem?

Quando trabalhávamos no **INSTITUTO DE PSICO-DIAGNOSE**, ordinariamente formulávamos um questionário destinado a indagar se a paciente apresentava um estado mental sem doença psíquica. O questionário resumia-se em sete itens: (1) **gosto pelo trabalho**; (2) **ausência de conflitos dificultando a vida**; (3) **saber se determinar, ter iniciativa**; (4) **boa autodireção, autopercepção, sem autismo**; (5) **ter gosto de auxiliar o próxi-**

mo e a coletividade; (6) **preservar o próprio prestígio, defesa da elevação**; (7) **atração para o amor-caridade**.

Para não esquecer alguns dêsses tópicos havia o esquema de sílabas: **GO—CO—DEL—AU—AL—DEFS—A**. Estas sete pesquisas resumem sinais bem claros, na superfície dos episódios, como realidades manifestas; e como as palavras com que o rapaz descreveu a sua liberdade. Falta o aspecto oculto dessa realidade, o inconsciente, aquilo que o rapaz da experiência pôs no esquema, o vôo numa ave no êrmo, o chão limpo, um horizonte vazio, aquela quietude do cipreste, folhas imóveis, repouso apetecido, segurança contemplativa e adorada. Para essa pesquisa de dados inconscientes, os meios consistem em procurar quinze **MECANISMOS DEFENSIVOS DA PERSONALIDADE**, a começar pela **ansiedade** e pela **repressão**.

Senhores: durante muito tempo, e durante longos trabalhos, ninguém dava grande importância às relações destas pesquisas com o processo fundamental da educação. Mas não tardou muito a descoberta de que a cura da nevrose é identificável, nos seus traços gerais, a um processo de **REEDUCAÇÃO**. E logo depois se verificou uma realidade: que larga parte dos neuróticos, e da delinquência infantil e da excentricidade dissolvente eram uma brotação malsã, de famílias malogradas, de lares falsos, e abandonados.

A natureza e seriedade dêsse mal está a mobilizar a dignidade do esforço humano, por tôda parte. Mas em nenhum país essa obrigação poderá ser tão trágica e tão imperiosa como no Brasil. Por que? — Porque as aperturas econômicas e o aumento da população crescem universalmente, mas, o Brasil é o único trecho dilatado e rico de espaço e de terras à espera de cultura, e, por consequência, o único que pode enfrentar aquelas penúrias do crescimento incontrollado das populações angustiadas. E, nessa mobilização, o aparelhamento técnico pode dar o saber fragmentado. Mas a sabedoria só nos será dada pela boa educação e pela fé nos nossos destinos.

Mas a sabedoria já entende com a filosofia, e já se põe ao serviço da religião e da fé. Transcende o nosso assunto.

Contudo, no esquema mencionado, o

sétimo item falava de Amor-caridade, e continha sem dúvida uma alusão discreta àqueles grandes horizontes do Cristianismo. E por essa forma, preciso encontrar, na trivialidade da vida vulgar, um lampêjo daquelas verdades da aspiração humana... E julgo propositado entre-mostrá-la agora, numa rude palavra de gaúcho, em cujas emoções parece, às vezes palpar uma ansiedade de asas, que querem levantar o vôo...

A doma de um pôtro não é ainda educação. Mas o carinho, com que se ensina e amansa um bagual, reflete os bons costumes do domador, que também usa as duas tendências que a sociologia apon-ta como um remédio aos males da educação: **orientar as atividades, e organizar o conforto da segurança**... E a sentença é conhecida e é muito sua: **dar o sofrimento no bagual, e correr a mão no lombo, alisando o pêlo**... porque no lombo sentia o animal, desde a infância, o contato do focinho materno, aquele mesmo conforto e segurança que o amor espera das mães humanas, na grandeza do lar... ainda não abandonado”.

Comentários. A maneira pela qual é executada uma atividade, espontânea ou reativa, permite que se lhe perceba o sentido; mas este, às vezes, não pode ser bem traduzido só em palavras, e ganha expressão mais adaptada à vida, e mais diretamente comunicável na mímica ou símbolo, que pode tomar como veículos essas mesmas palavras, conforme se verá no exemplo seguinte. Na citação atual, acima lida, compara-se a idéia de dois altos nomes da cultura com a interpretação dum camponês inculto, em face do estouro da boiada. Ruy e Euclides ocupam-se da causa da disparada da tropa. O gaúcho tropeiro, da maneira como atua essa causa. Mas os primeiros fazem uma descrição de arte. O último, **para cumprir com o seu dever**, — uma interpretação de psicologia animal, como objeto de estudo; e emprega o resultado dessa interpretação, mostrando suas próprias qualidades psíquicas. Aparecem, aí, como em relação à educação, as influências de dois fatores de desenvolvimento, e de perfeição: **a orientação das atividades, e a organização do conforto amoroso e da segurança**. Nota-se ainda um elemento discutível, entre os sinais definidores do

estado normal da pessoa: **o amor-caridade**. No final, examinaremos a possibilidade, que possui esse elemento de saúde mental, em relação à questão da **tendência à perfeição**.

ESTUDO DE UM CÃO E ESTUDO DE UM VEADO

(com investigação das qualidades simbolizadas em seus movimentos)

O cachorrinho, sacudindo o rabo e aspirando suavemente o ar, vinha-se chegando, na direção do churrasco, mal a pareciama ao calor das brazas, as manchas da carne tostada. Ficou parado, como para a experiência. Por isso, cocei de leve por baixo de uma dobra da sua pele, atrás da orelha, num ponto em que sua patinha não conseguia nunca alcançar bem. Mas não podia afastar a mão sem que ele viesse logo atrás desta, com a cabeça ansiada pelo coçar. Todos terão visto como estas excitações difundem-se e ficam intensas, e de tal forma, que o animal pula em procura da mão retirada, e quando esta volta a coçar ao de leve, o animal com a sua própria pata no ar... exacerbando essas experiência, pela retirada lenta da mão que está coçando, o animal pode virar a cabeça para encostar a região oculta da pele, e ao mesmo tempo levar a pata ao encontro da região difícil, e enfrente desse região ficar com ela, numa **exata posição de quem a está indicando ao coçador**...

Muito tem sido discutida a questão da **indicação feita pelo animal**. Antes de me referir a isso, quero lembrar que, se eu não tivesse encaminhado uma **atmosfera de confiança e de acolhimento**, o cachorrinho não nos teria dado esse resultado da **indicação**. Esta depende de um estado geral de emoção propícia: irado, o animal não indica o lugar onde precisa de um auxílio, mostra cousas muito diversas, como as armas de seus dentes... e isso quer dizer que na **estruturação reacional entram elementos de maior força, que determinam o sentido ou resultado da vivência, estruturada, e com sentido de confiança ou amor: nunca corporal**.

Mas sempre convém apresentar ao leitor um exemplo clássico de **indicação animal**: é o caso de Yerkes, de colaboração no tratamento feito pelo médico, (cit.

por Buytendijk, 346-346.) “um Chipan-zé tinha estado doente e nós notamos que êle continuava a recusar os alimentos sólidos. Suspeitando uma afecção dos dentes ou das gengivas, um dos nossos entrou na jaula para inspecionar a bôca do animal. Êste reagiu dôcilmente, mas não se descobriu nele nenhuma anomalia. Entretanto, quando o veterinário quiz ir-se embora, o macaco o segurou pelo avental, levantou com uma das mãos o seu lábio superior, e com um dedo da outra mão, mostrou, (?) um lugar de sua bochecha superior. Ora, havia ali, na verdade, uma ligeira tumefacção, causada pelo aparecimento de um canino, que provàvelmente lhe perturbava a mastigação. Nosso veterinário sentiu evidentemente certo despeito ao ver-se auxiliado pelo próprio animal na feitura do diagnóstico. “E’ uma procura de alívio um pouco mais completa que a do cachorro, e em ambos os casos, existem fontes de situação e de experiência, que parecem suprir a livre manifestação da inteligência humana. Mais: o aperfeiçoamento das condutas não foi só interno, e sim uma reação seriada, de frustrações na satisfação de tendências instintivas. (No animal, confiança; no homem, amor:) MAS A CONFIANÇA ANIMAL VEM DA COLABORAÇÃO HUMANA.

UM VEADO LUTANDO PARA MATAR UMA JARARACA

Alguns camponeses informam haver assistido ao combate de morte entre um veado e uma jararaca. Começa a luta com a corrida do veado em roda da cobra, procurando bater na cabeça dela, enquanto ela gira em tórno de si mesma, aparentemente para evitar a pancada por trás. Acreditam os camponeses que o veado a obriga a isso “para tonteá-la; e que de tão brabo, não pára de babar em cima da cobra, pois ela vai perdendo as forças, até que êle lhe esmaga a cabeça.” Entretanto, pode-se admitir que a baba, viscosa, tira a visão e embacia os olhos. Em consequência, os movimento dela adquirem o ritmo expressivo de uma hostilidade diminuída: isso determinaria o ataque pelo veado. A estrutura e a orientação correm por conta do detalhe afetivo, qualidade do movimento. Mas êste

detalhe afetivo, aqui, é uma simbolização duma espécie diferente: é como aquêle inclinar final da cabeça da cobra, que, como indício alegórico NÃO SUBSTITUE NADA, como os símbolos substituem, mas é o resumo do perigo, percebido diretamente em realidade concreta, que nos centros sensitivos-motores da mangusta produziram o ataque vitorioso desta. A alegoria representa uma cousa para dar idéia de outra: — mas se constitui por uma obra ou um conjunto artístico. Ao contrário, quando o detalhe emotivo surge na conduta defensiva da vida, sua função salvadora é produzir uma resposta direta e fulminante, e por uma seriação concreta, COMO UM INSTANTANEO REFLEXO, ENCAMINHADO ENTRE DUAS FORMAÇÕES DIRIGIDAS POR ATIVIDADES INSTINTIVAS, HERDADAS, MAS CONCRETAMENTE DESENVOLVIDAS NUMA SITUAÇÃO AMBIENTAL, NA FORMA DE UMA ADAPTAÇÃO INTELIGENTE, por causas desconhecidas, mas CUJA MANEIRA DE ATUAR ATINGE AO FIM, COMO SE ÊSTE TIVESSE SIDO VISADO. Sòmente a equivalência, a aparência do processo da previsão defensiva da mente, mas antepondo-se à ameaça vital, feita por um instinto hostilizante, como se fôsse baseado numa elaboração de esperança. Assim a confiança animal nasce com a colaboração com o homem, pela experiência e hábito de receber o agradável: opõe-se ao amor humano.

Não investigando êsse DETALHE alegórico, o reflexologismo apenas pode citar os fatos, sem tentar explicá-los. Podem explicar-se os fatos simples, quando é uma excitação que desencadeia o reflexo herdado. Isso se dá quando o pinto recém-nascido, em vez de caminhar numa superfície mole e lisa, vê ou pisa sobre cousas granuladas, e logo as bilisca.

Mas não quando o substrato orgânico do centro nervoso já se modificou através das experiências, como a do porco-isca, que daqui a um pouco citarei. Na conduta PRÉ-EXPERIÊNCIAS, o instinto herdado, quando aparece, está preso a detalhes alegóricos situacionais, que se podem realizar numa experiência de aumentos e dimiuições de sensação, ligados a resultados agradáveis ou traumatizantes: dor ou prazer. Ora, êsses aumentos e dimiuições, como uma tonalidade

que aumenta ou diminui, são qualidades sutis para o observador, mas realidades importantes, para influir nos reflexos do animal. Vamos examinar uma categoria de fatos citados por Bechterew, na tradução espanhola do seu tratado:

"Las garduñas y los bucharros criados en cautividad, distinguen desde su primer encuentro, las serpientes venenosas de las que no lo son. Se cuidan mucho de las primeras, y tratan ante todo de aplastarles la cabeza. El instinto de nutrición es inhibido por una impresión externa, pero aquí el problema es complicado por la intervención de otro instinto, el instinto de conservación, que examinaremos más adelante." Ora, nesse exame mais adiante, o ponto capital está aqui:

"El instinto de conservación puede ampliarse y expresarse por medio de reacciones mucho más complicadas que los movimientos citados. He aquí, por ejemplo, un echo muy curioso observado por Hudson en los venados de los pampas. Quando la hembra, acompañada por um hijo, advierte la proximidad de un cazador, se detiene y mira fijamente en dirección al enemigo; el pequeño permanece imóvil. Bruscamente, como ante una señal, huye hasta una distancia de 600 a 1000 metros, se tiende en el suelo, en un hoyo u ocultandose entre el pasto y se queda allí hasta que la madre vaya a buscarlo. Esta permanece aun imóvil unos momentos como si estuviera petrificada y luego, quando los perros ya están muy cerca, comineza a correr en una dirección opuesta a la del pequeño. Al principio corre lentamente, como si rengueara un pouco, (note-se agora que ela está usando o detalhe emotivo da diminuição do ritmo do movimento,) se detiene de quando en quando, **EXCITANDO ASI A LOS ENEMIGOS**, (de novo noto que o cão é sensível a êsse detalhe,) tal como hacen también las perdices, los patos salvages y los chorlos para distraer la atención del lugar donde están sus crías. Finalmente, quando la caza ya ha sido bastante alejada, huye a toda velocidad." Bechterew examina em seguida a migração das aves, dizendo que nela "se puede observar una forma aún más vaga del instinto de conservación." Acertadamente afirma que não se trata de uma recordação hereditária, e que 'es

un impulso hereditário que se produce en respuesta a excitaciones atmosféricas." Mas desconhece o símbolo alegórico, o **detalhe afetivo da diminuição ou do "crescendo"**, que existe com as graduações da luz e do calor, e de outros aspectos ambientais, detalhes entre os quais está a modificação de quietude e frio, a que as aves são muito sensíveis, por causa da semelhança com as excitações que elas experimentam ao anoitecer, pois que, anoitecendo, há perigos e há mais frio.

DETALHE ALEGÓRICO: UM EXEMPLO SIMPLES

Nas florestas da Africa, os trabalhadores na construção de ferro-vias conseguiram diminuir as mortes causadas pelos tigres empregando, como isca, um porco, que era atado próximo ao lugar em que os homens dormiam, o qual, pela agitação e pavor, denunciava a fera, que ninguém ainda havia podido suspeitar. O fato pode-se explicar lembrando que o isolamento, o estar atado, a escuridão da noite e a situação na floresta, eram tudo condições ambientais que favoreciam o medo; e, unindo-se a certas qualidades dos ruidos continuados, e entrecortados de pausas, e pausas que surgem quando um dado ruido de gravetos quebrados foi mais forte, de forma que o conjunto sistemático é uma como "melodia", que aumentava a inquietação do animal-isca.

Essa experiência é de certa forma o oposto das outras, até aqui referidas: nas outras, a mímica, ou detalhe afetivo consistia na imitação motora ou vocal, era uma expressão de emoções aparecendo nos movimentos ou nos sons, ou em ambos; num discurso, por exemplo, a palavra, que tem movimentos e tem voz, ajunta-se a outros movimentos nos olhos e no gesto das mãos ou do corpo, trazendo novas mímicas, para completar a perfeição com que se quer expressar um sentimento. Mas em todos êsses casos, o detalhe, ou qualidade, ou mímica dos movimentos e da voz **aparecem no indivíduo que observamos**, e são produzidos por êsse indivíduo... e nesse indivíduo estudamos a **mímica do movimento e da voz**.

Ao contrário, no porco-isca, que apenas manifesta medo, não é que aparece

o objeto da pesquisa, é no conunto de ruidos e suas qualidades de ritmo, de **zmorzando**, e de **crescendo**; é fora do animal estudado naquele conjunto melódico de situado na floresta que vamos estudar o meio de defesa de que procura-se valer o animal, graças ao instinto de conservação, aperfeiçoado pela experiência. Aqui, o detalhe afetivo, ou mímica, não é apenas metafórico, é continuado em muitas metáforas, e a essa continuação seriada chamamos alegoria. Se o animal não estivesse atado, podia escapar em tempo, ou pelo menos teria maior possibilidade. Em resumo: no discurso, é o indivíduo observado que completa o valor de sua expressão verbal empregando mímicas vocais e outras. No caso atual do porco, porém, há duas diferenças: **PRIMEIRA**, — a qualidade ou detalhe emotivo da sensação aparece fora do indivíduo, na noite e na floresta; **SEGUNDA**, — o detalhe afetivo, mímica, não se reduz a um ruído percebido diretamente, mas a uma série melódica, e indireta: é um **SÍMBOLO**. A seriação de fatores era uma metáfora continuada, e assumia um simbolismo que o porco, sem saber, empregava em sua defesa malograda, ou malogrável, porque quase sempre a defesa fica na fase da ansiedade. Aqui houve uma aproximação do veado de Hudson, e as diferenças correm por conta da parte individual, magnífica no veado, que é o aperfeiçoamento da velocidade, e da percepção da velocidade, percepção alcançada pela experiência, e mostrada acintosamente, no início lento da partida, em direção oposta ao filho. Mas o veado nos mostra o detalhe afetivo em sua individualidade e na voz e ataque dos cães, que ele regula e dirige com maestria. Mas essa regulação e essa mestria constituem-lhe um privilégio, que foi adquirido pelo instinto, e por constantes experiências, como tudo quanto esboça uma tendência para a perfeição.

Permita-se-me lembrar que o meu desejo, neste trabalho, é principalmente mostrar as possibilidades do estudo nos animais, para investigar o instinto, particularmente nas suas relações com os esforços que militam por impelir o homem no sentido e na direção do aperfeiçoamento próprio. Mas o ponto terminal deste estudo é uma questão, por assim di-

zer, — comprometedora... a questão do amor-caridade.

Pesquisas sobre o amor-caridade

Sua primeira tentativa, como vimos acima, deu-se durante os trabalhos do INSTITUTO DE PSICO-DIAGNOSE, quando, seguindo idéias de Glover, no tratamento de dificuldades psico-somáticas, começamos a investigar os diversos caracteres definidores do estado normal. A atenção e cuidados para com o próximo, (muitas vezes uma surpresa que a honestidade do paciente antes procura encobrir que proclamar), frequentemente nos aparecia como um episódio fugaz, mas dependente da reconquista do prazer de viver, e com o colorido daquela gratidão, que acima vimos ter sido encontrada por Nietzsche, entre as raízes do sentimento de beleza estética. Quando não era muito rara, era muito fugaz. Mas nem a raridade e nem a exceção, que aparecem, fazem o seu bom ofício, e depois se retiram, sem a possibilidade de voltar mais tarde, para a lealdade de novamente auxiliar; nenhuma dessas qualidades e deficiências invalidam sempre os atos humanos, nem é motivo para envergonhar os indivíduos, acometidos dessa pseudo-fraqueza anacrônica.

E quando, às vezes, de poesia inconsistente, que aparecem à primeira vista, ela consegue hospedar-se, como um hábito elegante de certas mentalidades juvenis, na persistência do bem, então nos impõe a reverência do respeito.

Apesar do aspecto de generosidade social, o amor caridade é o contrário da dependência, e assume as feições de sentimento espontâneo, independente de sugestão, ou imitação, e cuja intensidade se acompanha de inteira liberdade. Suas realizações parecem associadas à alegria, e a certo otimismo. É menos rara nos pobres que nos ricos, ao que parece.

Há uma oportunidade especial de observá-lo, por exemplo, quando se acabou de preparar o parto psico-prolifático, ou parto natural, ou hipo-algésico. Treinados os exercícios para neutralizar o **anel MÊDO-TENSÃO-DOR**, encaminhada a compreensão do mecanismo, e amparado esse insight pelos exemplos em que o desvio da preocupação pode suprimir a dor,

acontece, com êsse estado de otimismo e de crença no resultado, (**QUE SE TRANSFORMA EM ESPERANÇA**), uma probabilidade de amor-caridade, francamente vivido, principalmente se fizermos a futuramamãe ouvir os ruidos, ou batimentos do coração do feto. E tal estado afetivo nem sempre é muito fugaz... e é um novo elemento, que se inclui e funde-se, na preparação da paciente. Tal resultado é facilitado, na medida em que a paciente se inclina para um **tipo expansivo, em vez de inibido**. E ainda mais facilmente, quando primeiro se dá a uma amiga a ocasião de ouvir os dois corações, — o materno e o fetal; e depois disso a mãe ouve as pulsações diferentes, dos mesmos dois corações, que batem no seu próprio corpo.

Como dentro de casa própria, e inalienável, assim vive a humanidade dentro do egoísmo, mais ou menos modesto; às vezes, chega tal habitação a ser construída em puro estilo narcisista, ou autista... Não há forma de mudar a estrutura; o mais que se consegue é pintá-la de vez em quando, com tintas de generosidade ou amor. E não é pouco. Os habitantes choram por mudar a natureza das cousas. Mas não vão além dessas côres externas. E tanto é assim, que Menninger, (198,) chegou a lamentar, nestas palavras, a ânsia da nossa civilização e cultura, aforçadas em carregar nas côres da fachada, porque a educação perde o tempo, procurando modificar as personalidades:

"... a necessidade de muitas pessoas de tomar alguns copos de álcool para **quebrar o gelo**, e sentirem-se mais próximas umas das outras, e o desânimo que aparece tão rapidamente depois de uma reunião social, (então) não é possível deixar de perceber a tremenda luta que todo o mundo mostra para alcançar o amor, o aprêço, a companhia entre seres humanos, e as barreiras que não deixam encontrar essa dádiva. Ferenczi dizia: **"querem amar-se uns aos outros, mas não sabem como"**.

Depois dessa breve citação, quero lembrar aqui a palavra do meu tropeiro, esforçado na previsão do estouro da boiada, na qual aponteí aquêlê binômio de redenção moral: Não basta **indigitar causas**, **fôrça é descobrir a maneira como fazem o mal**, e **entrar em ação, para modi-**

ficar a vida, no rumo da perfeição. E o leitor, se o quizer, que lembre a sentença de Goethe, — **no princípio, está a ação**... Pois, eu por mim, fico dentro da epígrafe que adotei a estas pesquisas e lembro que a personalidade tem que achar uma saída, por entre as exaltações excessivas e as excessivas depressões. No meio, está o caminho, com as suas virtudes.

Querem amar-se uns aos outros, mas não sabem como: a sensatez aguda de Ferenczi, como um muro de lamentações, levanta-se diante de nós, escuro e vasio, sem a sugestão prática que lembre a maneira nem a fôrça para as reações. A sua frase parece um título de romance moderno, procurando o **best-seller**. Convidamos a examinar os pálidos reflexos do amor-caridade, na filosofia do romance, como faz Mauriac às claras, e Tchekow subentendidamente, por "baixo do poncho"... (aí está, — falei em gaúchos, e lá apontou a sua alma, na frase palpitante... é pena).

AS MANEIRAS NOS DÃO A PATOGENIA DO MAL, E MOSTRAM O BEM

E, se elas esconderam-se nas páginas do romance, temos que ir até o romance, em nome da realidade, e como quem vai examinar os vestidos, que o romancista fabrica, para tapar, precariamente, as aparências do sofrimento. Não como um crítico, que deseja distribuir juízos finais, mas antes como um pobre médico de aldeia, mal avisado dos remédios que estão na moda: (Le romancier et ses personnages, R.A.C.)

"Un garçon de dix-huit ans ne peut faire un livre qu'avec ce qu'il connaît de la vie, c'est-à-dire ses propres désirs, ses propres illusions. Il ne peut que décrire l'oeuf dont il vient à peine de briser la coquille. Et, en général, il s'intéresse trop à lui-même pour songer à observer les autres. (Isto significa egoísmo normal, nessa época, como também existiu, numa fase anterior, o que se chama nevrose normal). C'est lorsque nous commençons à nous déprendre de notre propre cœur que le romancier commence aussi de prendre figure en nous. (Note-se que esta situação experimental, de auto-observação dum espirito bem dotado, de introspecção em flagrante, expõe a sua maneira de chegar à compreensão, desco-

brindo, em si próprio, o desmaiar do egoísmo, e, por essa ocasião, o surto natural e espontâneo da generosidade, primeira luz no despontar do amor-caridade, que se faz advinhar no horizonte da consciência: Para ressaltar o flagrante, tenho de grifar. Note-se, ainda, que, nas palavras citadas, tal normalidade do egoísmo significa uma fase de formação da personalidade, a qual é dominada pela brotação dos desejos, o que significa instintos ainda não domesticados, isto é, forças ainda muito capazes de jogar a personalidade contra o polo das exaltações, ou para o polo apático das depressões.)

Entretanto, essa passagem de Mauriac nos mostra, o autor, a interpretação, as maneiras que poderiam aludir ao amor-caridade. E' uma elaboração de psicólogo e de crítico. Muito diferente é o caso de Maurois, examinando a obra de Balzac, quando Rastignac, depois de estremecer diante dum quadro hediondo de verdade, apenas acha que **um Deus existe, ou a nossa terra é um contra-senso:**

‘-Changez la forme de la société; les espèces demeurent immutables. Les filles du Père Goriot ne sont pas des monstres; elles sont des filles et des femmes. (Texto de Balzac:) “Elles ont des affaires, elles dorment, elles ne viendront pas... Il faut mourir”, dit Goriot, “pour-savoir ce que c'est que des enfants. Ah! mon ami, ne vous mariez pas, n'ayez pas d'enfants! Vous leur donnez la vis, ils vous donnent la mort... Ah! si j'étais riche, si j'avais gardé ma fortune, si je ne la leur avait donnée, elles serait là, elles me lacheraient les joues de leurs baisers!... Un père doit toujours être riche, il doit tenir ses enfants en bride comme des chevaux; surnois... Le monde n'est pas beau.” Non, (texto de Maurois,) le monde n'est pas beau. Le jeune Rastignac, qui assiste à l'affreuse agonie du père abandonné, assassiné par ses filles, demeure épouvanté par cet horrible spectacle. “Qu'as tu donc?” lui demande Bianchon, “tu est pâle comme la mort.” Et Rastignac répond: “Mon ami, je viens d'estendre des cris et des plaintes. Il y a un Dieu. Oh! oui, il y a un Dieu, et il nous a fait un monde meilleur, ou notre terre est un non-sens.” Ce qui prouve que l'idée dun monde absurde n'est pas neuve et que Balzac l'avait conçue. Mais pour la repousser, Balzac aime le mon-

de jusque dans ses monstres et c'est pourquoi Alain le jugeait plus près que Stendhal de la véritable charité, “par une indifférence presque ecclésiastique, comme d'un homme qui confesse fort vitae.” Eis aí o que é às vezes a arte que deseja pintar a sociedade, reduzindo-se assim, já não a uma atividade fora da moral, mas indiferente à moral, desde que essa diferença permita o espetáculo de emoções monstruosas. Está no seu papel, e no seu direito. Mostra a realidade. Adverte. Cabe à sociedade, mirando-se no espelho, deixar de encantar-se com a desintegração... E foi Rastignac quem ouviu e compreendeu o apelo. Há por isso, nele, um furtivo lampêjo de amor-caridade: Deus nos fez um mundo melhor, êsse que está aí é corrupção, senão... senão o que domina é a loucura. E' o que transpira de sua dor. Quando tal sociedade inclina-se para a corrupção, como um filho mimado, que o excesso de carinho enxarcou de prazeres, a crítica fica pensando naquela gratidão que Nietzsche contemplou, no seu sentimento, como expressão das grandes obras de arte... e se essa gratidão não se destina a Deus, nem à esposa, só pode querer agradecer à própria sociedade. Mas nesse caso, é uma gratidão que acusa... ou em ironia fica transformada. Ora, a gratidão, que assim reconhecer valores, e por isso é construtiva, já evita com elegância o sentimento de culpa, sem agir contra a sublimação.

RESUMO E CONCLUSÕES

Ao finalizar cada um dos tópicos, deixamos pequenos resumos, que assim ficam mais claros, em vista da proximidade da cousa resumida. Quanto às conclusões deste primeiro trabalho, eis as mais importantes:

— A —

Para a arte médica, e para as ciências sociais em geral, o estudo da psicologia médica, especialmente aquela de profundidade, cada vez ressalta mais a sua necessidade na formação educacional; entretanto, com o progresso e com a maior especialização, indispensável às ciências sociais, especialmente nos setores de aplicação médica, urge a criação

de uma cadeira básica de CLÍNICA PSICO-SOMÁTICA PROPEDEÚTICA, cujas aulas sejam constituídas, concretamente, de pesquisa sobre instintos, e de aplicação clínica.

— B —

Essa cadeira deve ser básica, e acessível aos estudantes que se preparam para múltiplas atividades, profissional ou culturalmente configuradas.

— C —

Enquanto se espera êsse advento, uma cadeira de clínica, geral ou ginecológica deveria instituir um aparelhamento capaz de ministrar rudimentos de CLÍNICA PSICO-SOMÁTICA PROPEDEÚTICA aparelhamento que, economicamente, pode começar e funcionar com o material e com os docentes da clínica; tal possibilidade tem sido materializada com a evidência histórica do funcionamento do Instituto de Psico-diagnose e Psico-teste, por mim anexado à cadeira de ginecologia, e que mais tarde logrou, (de surpresa,) uma sede apropriada em três salas, — AS SALAS ANNES DIAS, — no sétimo andar do Pavilhão Cristo Redentor.

— D —

Outras conclusões ficam para o próximo trabalho, no número seguinte desta revista. Delas, porém, quero formular aqui apenas uma: que o estudo experimental dos instintos animais oferece, à psicologia, principalmente à psicologia de profundidade, um apêlo indispensável, na manifesta medida em que esclare quanto pode elaborar o instinto por si só, e quanto tende a fazer, para colocar-se no lugar da inteligência criadora.

Bibliografia:

- Karl Menninger — NOVA — Amor contra ódio.
 Anna Freud — E.M.Q. — Psicoanálisis para educadores.
 Bertram D. Lewin M.D. — Psicoanálisis de la exaltación.
 Anna Freud — E.M.Q. — El Yo y los mecanismos de defensa.
 Edward Glover — NOVA — FREUD o Yung.

Fraçois Mauriac — CORREA — Le Romancier et ses personnages.

Franz Alexander — GEORGE ALLEN — Fundamentals.

F.J.J. Buytendijk — Press u. de France — 1952.

G. Zillboorg — Ed. NOVA — Mente e medicina.

W. Bechterew — Ed. PAIDOS, La psicologia Objetiva.

S. Freud — Payot, Paris, — Essais de Psychanalyse, (etc. etc.)

André Maurois — Lib. Arthème Fayard — Lecture Mon doux plaisir.

A moderna psico-análise — G. Carneiro.

Henry Wallon — P. Universitaires de France — Les origines de la pensée Chez l'enfant — 1947.

Weiss and English — SAUNDERS — Psychosomatic Medicine. (f. Philadelphia.)

Martim Gomes — Tip. Jornal do Comércio, Rio — Le Rêve et la sélection des Idées — 1927.

Martim Gomes — Li Globo — A criação estética e a psico-análise. 1930.

Martim Gomes — Ensaio Educacional, Baseado em Pesquisas Experimentais Sobre o Instituto e (por publicar)

Sobre o Desenvolvimento da Personalidade.

Martim Gomes — Vários artigos, conferência, relatórios, e comunicações a congressos, além de monografias.

CONCLUSIONS

— A —

Pour le médecin praticien, et por les sciences sociales en général, l'étude de la psychologie, particulièrement la psychologie profonde, montre une importance de plus en plus appréciée, en ce qui concerne la formation éducacionnelle; malgré tout, devient indispensable la création d'une discipline telle que la Propédeutique Psychologique Clinique, dont les leçons, toujours pratiques, profiteraient du matériel constitué par les malades d'une clinique médicale, et aussi d'animaux d'expériences, pour des recherches hors de l'hôpital.

— B —

Il nous faut, dans la Faculté de médecine, un cours complet de Clinique Psychosomatique Propédeutique, étude portant sur des instincts de l'homme, (étude que est presque toute la psychologie dynamique,) mais aussi ayant pour objet

des recherches sur l'instinct animal; de façon à ce que l'observation du traitement des conditions d'ordre émotif, à l'hôpital, puisse constituer la matière dans laquelle serait concrétisé l'enseignement.

— C —

Pendant que l'on attend les lois, il serait sage d'organiser, dans l'activité des cours de gynécologie, (par exemple), qui est un service à problèmes fréquents de douleurs *sine-materia*, à problèmes cliniques chez des névrosées, et même chez des psychotiques, service ayant des difficultés spéciales, au point de vue de la famille, et du développement de la personnalité: à cause, enfin, de tous ces objets d'étude, ce serait la sagesse même que d'organiser l'apprentissage de la Clinique Psychosomatique Propédeutique.

—D —

Un tel étude sur l'instinct, loin d'être une pure description, devient une explication causale, au sein de l'émotion: c'est une science et pas une philosophie, tout en demandant à se compléter par la philosophie. De par lui, l'éducation médicale et l'éducation pédagogique arrivent à faire, des émotions, un support constructif, au lieu d'un élément de désintégration.

SUMMARIO

— A —

O autor examina vários aspectos da experimentação, com animais, e no homem, cuja interpretação milita a favor duma origem não herdada, para o temor à morte, quando este aparece, no início da existência. Essa origem está relacionada com modificações de reflexos sensorio-motores, em resposta a excitações externas.

— B —

Também a tendência para a perfeição aparece, nos animais, esboçada, — na medida em que a persistência nas reações destinadas à conservação logra fixar, nas experiências instintivas da espécie,

aquelas que obtiveram êxito vitorioso, guiado por simbolismos defensivos motores e auditivos, a que chamou detalhes afetivos alegóricos.

— C —

No homem, a tendência ao aperfeiçoamento é adquirida, mas é nítida e depende dos processos de formação do ideal, os quais mostram relações com influências situacionais e internas, e com a capacidade do desenvolvimento mental, de atitudes sociais construtivas, com efeitos construtivos, e apoio das atitudes na estrutura da esperança.

— D —

Nessas condições, a tendência à perfeição é quase completamente inconsciente, e não nasce diretamente, nem é reduzida espontânea atividade interna.

— E —

Ligado a essas mesmas experiências, (que parecem orientar a tendência à perfeição), aparece, a partir da adolescência, um estado afetivo raro e fugaz, em geral, aproximado da gratidão livre, ou duma generosidade independente, ao qual o autor chamou *amor-caridade*, e a que inclui entre os sinais característicos da normalidade da pessoa.

— F —

Baseando-se no que fazia até há pouco, na vigência da cátedra de ginecologia, e dada a importância universitária para as profissões orientadas pelas ciências sociais, propõe o autor, às autoridades de **EDUCAÇÃO E CULTURA**, a idéia de incluir desde já, no **currículo de Medicina**, um curso (**BY DOING**), de **Clinica Psico-somática Propedêutica**, executado concretamente, na observação das pacientes, operadas ou não.

SUMMARY

— A —

The author examines several aspects of experiments with animals and human beings, trying to show that the

fear of death is not inherited even when it appears at the beginning of life. Its origin is related to the modification of motor-sensorial reflexes, as a response to external stimuli.

— B —

The tendency to perfection also appears outlined in animals as the persistent reactions for life conservation come to establish those reactions that were successful in the instinctive trials of the species guided by defensive audio and motor symbols, called by the author "allegoric details".

— C —

In the man, the tendency to perfection is acquired but very nitid and depends upon the processes of formation of the ideal. These processes are related to situational and internal influences, to mental development, to social constructive attitudes, supported by the structure of hope.

— D —

Therefore the tendency to perfection

is almost completely inconscient and does not come directly from nor is reduced to an internal expontaneous activity.

— E —

In connection with these same experiences (which seem to orient the tendency to perfection) appears, from the adolescence on, an affective state — rare and fugitive — which the author calls **love-charity** and includes amongst the characteristics of normality. This affective state 'is a free-floating condition, which controls the selection of ideas.

— F —

The author based on his own experience as full professor of gynecology and on the importance of professions oriented by the social sciences, suggests the inclusion, at once, in the curricula of medical schools of a discipline — **PROPEDEUTIC PSICOSOMATIC CLINIC** — actively followed in filling the records of patients, whether submitted to surgery or not.